

Escrever sobre os meus trabalhos contradiz a natureza dos mesmos... O seu domínio é o da quietude, da introversão.

São imagens que não se impõem pela força mas talvez por uma fina irradiação.

A distância que elas exigem não impede uma comunicação íntima — uma mensagem secreta que o nosso sentir instintivamente pressente, uma envolvimento para lá das palavras.

Além desta sentida presença haverá para o observador algo de oculto, de inexplicável, principalmente se ele tentar uma interpretação verbal.

Como escreveu Fernando Pessoa, no catálogo do I Salão dos Independentes: *...“Há duas formas de dizer — falar e estar calado. As artes que não são literatura são as projecções de um silêncio expressivo. Há que procurar em toda a arte que não é literatura a frase silenciosa que ela contém”...*

Para aquele que “vê” haverá sempre a liberdade de “relacionar”, de imaginar... sem que no entanto chegue “à interpretação certa”.

A quietude, a calma, podem inquietar, habituados como estamos ao seu oposto, a um mundo em que o accionamento e a agressividade visual dominam.

Hoje em dia a possibilidade de produzir e difundir imagens está ao alcance de cada um, imagens de consumo rápido que se expandem e multiplicam a uma velocidade inquietante.

Talvez seja por isso mesmo que desejo trabalhar em harmonia com o meu ritmo pessoal, que muito tem a ver com o pulsar do coração, com a respiração, na tentativa de um equilíbrio e uma harmonia entre a pintura, o meu Eu, o espaço e o Tempo. Gostaria que os meus trabalhos na sua discrição e simplicidade viessem proporcionar uma introspecção, um acesso a um espaço meditativo, — que “provocassem” quietude .

Este “repousar em si” significa para mim um ponto de calma no caos universal do efémero.

*Marta Resende*

*Setembro de 2004*